

**O DISCURSO LITERÁRIO DE SIMONE DE BEAUVOIR:
A OBRA *A CONVIDADA* (1956) E O UNIVERSO FEMININO DE XAVIÈRE****THE LITERARY DISCOURSE OF SIMONE DE BEAUVOIR: THE NOVEL
SHE CAME TO STAY (1956) AND THE FEMININE UNIVERSE OF XAVIÈRE**Maira GUIMARÃES¹

RESUMO: No presente trabalho, trataremos da constituição da personagem Xavière presente no romance *A convidada* (1956) de Simone de Beauvoir. Como arcabouço teórico, nos pautamos na noção do gênero apresentada nos trabalhos da Análise do Discurso Franco-brasileira de Charaudeau (2004) com a finalidade de contribuir para a construção da imagem da personagem feminina. É possível afirmar, portanto, que, para Beauvoir, o gênero romance se apresenta como um importante instrumento de afirmação e questionamento de ideologias, comportamentos e valores sociais. Assim, no referido discurso literário de Beauvoir, o universo de Xavière pauta-se em ideias conservadoras referentes às variadas temáticas, como: o trabalho feminino, o valor da existência e as relações afetivas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero discursivo. Romance. Simone de Beauvoir.

ABSTRACT: The present work, we will deal with the constitution of the character Xavière present in the novel *She came to stay* (1956) of Simone de Beauvoir. As a theoretical framework, we are guided by the notion of the genre presented in the works of the Franco-Brazilian Discourse Analysis of Charaudeau (2004) with the purpose of contributing to the construction of the image of the female character. It is possible to affirm, therefore, that, for Beauvoir, the novel genre presents itself as an important instrument of affirmation and questioning of ideologies, behaviors and social values. Thus, in the aforementioned literary discourse of Beauvoir, Xavière's universe is based on conservative ideas referring to the various themes, such as: female work, the value of existence and affective relations.

KEYWORDS: Discursive gender. Novel. Simone de Beauvoir.

Introdução: resumo da obra

O livro *A convidada* (1956) foi o primeiro livro publicado por Simone de Beauvoir e, *a priori*, o romance foi apresentado com o título de *Legítima defesa*, mas por uma imposição da editora Éditions Gallimard, o romance foi renomeado.

1. Mestrado em Estudos Linguísticos do Texto e do Discurso pelo programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é doutoranda - com bolsa CNPq - em Análise do Discurso junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, também pela Universidade Federal de Minas Gerais. Email: mairaninabh@hotmail.com.

Tal obra retrata o cotidiano de um triângulo amoroso formado pelas personagens Françoise, Xavière e Pierre que se passa na cidade de Paris no contexto histórico que antecede a invasão dos alemães durante Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Françoise é uma escritora famosa e junto de Pierre, um prestigiado ator, mantém um relacionamento de cumplicidade e, principalmente, de liberdade. Toda a trama se desenvolve em bares, cafés e teatros da capital francesa e é exatamente em um bar que Françoise, convencida por Pierre, convida Xavière, uma jovem moça que mora na cidade de Rouen, a se instalar na cidade das luzes.

Para Pierre, o ato de acolher Xavière é uma forma de contribuir para com os outros a sorte que ele e Françoise tiveram na vida: “Tivemos tanta sorte em nossa vida, disse Pierre. É preciso fazer os outros aproveitar bem cada vez que nós o pudermos.” (BEAUVOIR, 1956, p. 28). Xavière aceita o convite de Françoise para morar em Paris, bem como a ajuda financeira de Françoise e Pierre como uma forma de empréstimo, até que ela consiga arrumar um emprego.

Passam-se alguns meses e Pierre se preocupa em conseguir alguma ocupação que dê sentido à vida de Xavière, é quando o ator propõe à jovem do interior que ela se dedique ao teatro. A aproximação entre Pierre e Xavière se torna algo inevitável, pois Pierre dá aulas particulares de interpretação para Xavière em seu apartamento. Por manterem uma relação de lealdade e cumplicidade, Pierre conta satisfeito a Françoise que acredita na hipótese de que Xavière esteja interessada por ele.

Na segunda parte do romance, Françoise, Xavière e Pierre se mostram felizes e completos em relação aos seus sentimentos e satisfações diante do triângulo amoroso, até que Xavière resolve trair Pierre com Gerbert, um jovem de vinte anos que trabalha no teatro e é amigo de Pierre e Françoise.

Em uma visita à casa de Xavière, em uma visita de Françoise à sua casa, descobre que Françoise e Gerbert tiveram um relacionamento. Após uma discussão calorosa com Xavière, Françoise decide que não quer ser a mulher ciumenta, traidora e criminosa que Xavière lhe retratou e decide ir até à casa da jovem para tentar convencê-la a lhe perdoar. A jovem do interior não aceita as desculpas da famosa escritora e, em um ato de desespero, Françoise, então, resolve lutar pela sua existência, ao decidir matar Xavière deixando o gás da cozinha aberto.

Ao final do romance, Françoise acredita que o seu ato pertence somente a ela, não culpando, portanto, Pierre, Gerbert ou a própria Xavière, como observamos no trecho a seguir:

Ninguém poderia condená-la ou absolvê-la. Seu ato pertencia apenas a ela. “Fui eu quem quis.” Era a sua vontade que, nesse momento, estava se realizando, nada mais a separava de si mesma. Finalmente escolhera. Escolhera a si mesma. (BEAUVOIR, 1956, p. 503)

Deste modo, conforme o que descrevemos acima, podemos afirmar que o romance de Beauvoir (1956) apresenta algumas temáticas existencialistas referentes aos valores e comportamentos éticos, morais e sociais da sociedade francesa do século XX.

Com relação à última cena do romance, na qual encontramos a descrição de um assassinato como uma “legítima defesa” moral (para a personagem Françoise), a existência de Xavière está diretamente atrelada às ideias e comportamentos sócias, morais e éticos de uma pessoa vingativa, invejosa, possessiva e passional. “Mantendo o suspense de um bom policial, Beauvoir desvia o romance psicológico em direção à filosofia, mas uma filosofia vivida, não explicitada. Primeira encarnação em sua obra do problema da existência do outro, que a perpassará até o fim.”² (DEGUY & BEAUVOIR, 2008, p. 30, tradução nossa).

Sob a perspectiva da corrente filosófica do existencialismo³, Beauvoir delinea, principalmente, na personagem de Françoise, a inquietude da relação do eu com o outro – seja esse outro representado por um ser físico (no caso do romance em questão, a personagem Xavière) ou pelo Outro⁴ que existe dentro de cada um de nós – e a presença da nossa responsabilidade pelos nossos atos e escolhas, não cabendo, portanto, à essência humana e individual a culpabilidade ou o mérito pelo que somos e vivemos.

1. O conceito de gênero na Análise do Discurso e o gênero romance

Valendo-nos, nesse trabalho, da noção de gêneros do discurso postulada por Charaudeau (2004), consideramos que o gênero é caracterizado situacionalmente e que este pode estar em constante transformação. Na esteira dos trabalhos do referido autor, o gênero deve ser investigado sob dois recortes: a situação de comunicação e as visadas, competindo ao primeiro recorte a identidade dos parceiros; a finalidade que os liga em termos de visadas; o propósito convocado e

2. “*En gardant le suspense d'un bon policier, Beauvoir détourne le roman psychologique vers la philosophie, mais une philosophie vécue, non explicitée. Première incarnation chez elle du problème de l'existence d'autrui, qui l'habitera jusqu'à la fin.*” (DEGUY & BEAUVOIR, 2008, p. 30).

3. O existencialismo é uma escola de filósofos dos séculos XIX e XX que pregava que o indivíduo não apresenta uma essência que o pré-determina socialmente. Sendo assim, para os pensadores existencialistas, o ser humano é o resultado de suas escolhas e decisões, cabendo somente a ele a responsabilidade de seus atos e a liberdade de sua existência.

4. Sobre o conceito de Outro de Lacan (1964), de acordo com Bleichmar & Bleichmar (1992, p. 45): “O Outro é a lei, as normas e, em última instância, a estrutura da linguagem. O sujeito, enquanto o é não existe mais do que no e pelo discurso do Outro. Somos alienados pela linguagem, pois somos efeito dela. Recordemos que o sujeito também está alienado no imaginário, segundo o descrevemos para o estágio do espelho. Dupla alienação: no desejo do outro (o semelhante) e no discurso do Outro (a lei, a linguagem). Cada um de nós crê ser o que, na realidade, não é (nível imaginário), ao mesmo tempo que não é mais do que um significante, produto da estrutura que o transcende (nível simbólico).”

as circunstâncias materiais nas quais se realiza. Em relação ao segundo recorte, as visadas, Charaudeau (2004) pondera que elas correspondem a uma intenção psicossocio-discursiva que determina a expectativa do ato de linguagem do sujeito falante levando em consideração, tanto a instância de produção, quanto a instância de recepção. O autor nos afirma ainda que as visadas podem ser definidas através de um critério que se divide em: a) intenção pragmática do Eu, ou seja, a sua posição como enunciador na relação de força que o liga ao Tu; e b) posição que, da mesma forma, o Tu deve ocupar.

Grosso modo, as visadas seriam, portanto, a intenção que o sujeito comunicante quer dar ao seu discurso. As principais visadas se dividem em seis tipos: prescrição – EU assume a posição de autoridade não havendo espaços para questionamentos; solicitação – EU se encontra em um lugar de inferioridade; incitação – EU instiga no TU um agir cabendo ao EU uma posição de beneficiário; informação – EU se encontra em um lugar de autoridade relativo ao saber; instrução – EU se encontra em uma dupla posição de autoridade e legitimidade para difundir um determinado conhecimento; demonstração – EU estabelece a verdade e a comprova.

Nos *corpus* selecionado para o presente trabalho, encontramos a presença, majoritária, de duas visadas discursivas: a visada de incitação e a visada de instrução. No que diz respeito à visada de incitação, podemos entender que, no nosso caso em questão, filosofia e literatura se unem através de romances considerados como sendo pertencentes às temáticas metafísicas e existencialistas com o objetivo, ou seja, com o propósito e a visada de fazer com que o leitor haja ou não de acordo com os valores e comportamentos vigentes de determinada época e contexto histórico. Em outras palavras, no romance *A convidada* (1956), notamos, por diversas vezes, que o sujeito comunicante (Charaudeau, 1983[2008]), isto é, o sujeito de discursivo de Simone de Beauvoir na condição de autora de um obra existencialista, propõe, de forma implícita, uma visada discursiva voltada para a ação, o agir. É como se, ao longo da narrativa, Beauvoir (1956), por meio do sujeito enunciador (o gênero romance sob o qual ela se comunica com o seu público destinatário), fosse revelando ao seu leitor quais os caminhos e comportamentos sociais, éticos, morais e pessoais que uma mulher pode (se pensarmos sob a perspectiva da personagem Françoise) ou não seguir (se pensarmos sob a perspectiva da personagem Xavière).

Já no que concerne ao gênero literário, destacamos que o romance *A convidada* (1956) apresenta também a visada de instrução, isto é, tal obra possui um caráter pedagógico ao seu leitor por abordar temas relacionados à existência humana sob a perspectiva do pensamento existencialista:

Comove-se, aprova, indigna-se, por um movimento de todo o seu ser, antes de formular juízos que arranca a si mesmo sem que tenhamos a presunção de o ditarmos. É isso que confere valor a um bom romance. Ele permite efetuar experiências tão completas, tão inquietante como as experiências vividas. O leitor interroga-se, duvida, toma partido e essa elaboração hesitante do seu pensamento constitui um enriquecimento que nenhum ensino doutrinal poderia substituir (BEAUVOIR, 1948, p. 90).

Notamos que, para a autora supracitada, um bom romance é capaz de proporcionar ao seu leitor experiências tão ricas quanto as vividas por ele em sua vida real.

Com base no que expusemos sobre a questão dos gêneros à luz dos trabalhos pertencentes à Análise do Discurso Franco-brasileira, julgamos importante ressaltar, que o gênero caracteriza-se como situacional. Para Charaudeau (2004), portanto, as teorias sobre os gêneros apenas os mapeiam sem os definir categoricamente, uma vez que eles são maleáveis, situando-se, assim, em uma “zona de tensão” entre a sua rigidez e as suas múltiplas possibilidades, que podem variar de acordo com a comunicação, o objetivo proposto, os interlocutores etc.

Sobre o discurso literário, mais especificamente o gênero romance, notamos que ele funciona como uma espécie de instrumento da filosofia para a abordagem de teorias e conceitos. De acordo com Beauvoir:

Não é por acaso que o pensamento existencialista tenta exprimir-se hoje, ora por tratados teóricos, ora por ficções: mas sim porque é um esforço para conciliar o objetivo e o subjetivo, o absoluto e o relativo, o intemporal e o histórico; pretende encontrar a essência no coração da existência; e se a descrição da essência releva a filosofia propriamente dita, só o romance permitirá evocar na sua verdade completa, singular, temporal, o brotar original da existência. Não se trata aqui, para o escritor de explorar no plano literário verdades previamente estabelecidas no plano filosófico, mas sim de manifestar-se de outro modo: o seu caráter subjetivo, singular, dramático e também, a sua ambiguidade; pois que a realidade não é definida como apreensível apenas pela inteligência, nenhuma descrição intelectual poderia expressá-la adequadamente. É necessário tentar apresentá-la na sua integridade, tal como se revela na relação viva que é ação e sentimento antes de se tornar pensamento. (BEAUVOIR, 1948, p. 100-101).

Se valendo do gênero romance para a exposição de suas reflexões e de seus pensamentos enquanto filósofa, a existencialista define as obras pertencentes a esse gênero como metafísicas, na medida em que elas são capazes de tratar sobre

temas pertencentes à relação entre a existência e as indagações humanas, como o livre-arbítrio, a matéria e o espírito:

Honestamente lido, honestamente escrito, um romance metafísico provoca uma descoberta da existência de que nenhum outro modo de expressão poderia fornecer o equivalente; longe de ser, como se pretendeu por vezes, um desvio perigoso do gênero romanesco, pareceu-me, pelo contrário, na medida em que é conseguido, a realização mais perfeita, pois se esforça por apreender o homem e os acontecimentos humanos nas suas relações com a totalidade do mundo, pois só ele pode ter êxito no que fracassa a pura literatura como a pura filosofia: evocar, na sua unidade viva e na sua fundamental ambiguidade viva, esse destino que é o nosso que se inscreve de uma só vez no tempo e na eternidade. (BEAUVOIR, 1948, p. 104-105).

No ponto de vista da corrente existencialista, a ficção e a filosofia são vistas como complementares, cabendo, portanto, à literatura, a reconstrução de experiências e acontecimentos que, de tão reais, podem ser experienciados no mundo vivido proporcionando ao leitor hesitações, questionamentos e dúvidas sobre as mais diversas abordagens e debates sobre os comportamentos, valores, práticas e éticas sociais.

2. A concepção de feminino à luz da personagem Xavière

Na narrativa, a apresentação de Xavière ocorre no segundo capítulo do livro em uma cena na qual, em um café árabe, Xavière, acompanhada de Françoise, sente inveja de uma dançarina moura e de seus dotes artísticos. Ao longo do romance, a imagem dessa personagem é construída de forma a endossar os ideais de uma mulher que é ciumenta, egoísta, ociosa e passional.

No início da obra, Xavière se apresenta, sob a perspectiva dos outros personagens, como uma mulher insegura por começar uma nova vida em um lugar diferente, já que ela morava na cidade interiorana de Rouen e não conhecia muito bem a capital francesa. Françoise, comovida pelo sentimento de solidariedade e ajuda ao próximo, propõe a Xavière que elas se tornem amigas se responsabilizando, até mesmo, pela sua felicidade:

– Minha pequena Xavière – murmurou Françoise. Xavière fixava-a, olhos brilhantes, lábios entreabertos. Sentia-se lânguida, abandonada e entregava-se completamente a Françoise. Seria esta,

doravante, quem a conduziria, pela vida afora. “Vou fazê-la feliz, decidi Françoise, com convicção”. (BEAUVOIR, 1956, p. 45).

É no convívio mais íntimo com Xavière que Françoise começa a perceber o sentimento de ciúmes que a jovem do interior sentia por ela. Destacamos o trecho: “Françoise espiava, divertida, o rosto fechado de Xavière. Vê-se que ela odeia todas as pessoas que se aproximam de mim. Mesmo a sua timidez perante Pierre tem uns resquícios de ódio” (BEAUVOIR, 1956, p. 53). À primeira vista, o ciúmes de Xavière era compreendido como algo pitoresco e espirituoso, entretanto, aos poucos, a jovem revela uma imagem de uma mulher vingativa, possessiva e passional, conforme observamos no fragmento:

– Bem, já que insistem – interrompeu Xavière, com arrebatamento –, Gerbert ficou com um ar de príncipezinho ofendido quando lhe disse que sai com vocês na sexta-feira à noite.

– Você contou a ele! Disse Pierre

– Nós tínhamos recomendado com que não contasse, disse Xavière.

– Foi, mas escapou-me – disse Xavière, como se não desse importância ao fato – Não estou habituada a essas politiquices.

Françoise trocou com Pierre um olhar consternado. Pensavam ambos que Xavière fizera aquilo de propósito, num ataque de baixo ciúmes. Ela não era idiota e só ficara sozinha com Gerbert durante alguns instantes. (BEAUVOIR, 1956, p. 126).

Os ciúmes excessivos de Xavière que, inicialmente, se mostravam somente diante da presença de Françoise, ultrapassam os limites aceitáveis dentro da convivência de ambas as personagens, passando a não se restringir apenas às duas amigas, mas ampliando para outras relações, como é o caso de Pierre e Gerbert.

O relacionamento entre Françoise, Xavière e Pierre era bastante prazeroso no que diz respeito a saídas, divertimento e descontração, sendo recorrente a presença de encontros em bares, restaurantes e cafés franceses. Como Françoise e Pierre pertenciam ao círculo de intelectuais e artistas, imediatamente eles apresentam esse universo a Xavière. Dessa maneira, se faz constante a existência de discussões sobre temas políticos, filosóficos e artísticos ao longo da obra. Em uma dessas discussões, Xavière se mostra uma mulher egoísta:

– No entanto, diz Françoise, se você soubesse que há em qualquer lugar do mundo uma pessoa bem agradável, que está prisioneira e infeliz, não levantaria o dedo para ir buscá-la?

– Não, diz Xavière com um ar de emburrada – isso me seria indiferente.

Ela olhou Pierre e Françoise diz subitamente, com dureza:

– Não gostaria de mais ninguém conosco. (BEAUVOIR, 1956, p. 290).

Alheia às questões sociais, Xavière apresenta ao leitor uma imagem de uma mulher egoísta que se preocupa somente com a sua existência sem se importar com a condição dos que vivem ao seu redor. Julgamos conveniente ressaltar que, apesar de Françoise e Pierre “adotarem” Xavière, se responsabilizando com os seus gastos econômicos, despesas, diversão e sobrevivência, Xavière, em nenhum momento, se mostra afetada por esta atitude, colocando a sua própria vontade na frente dos desejos daqueles que convivem com ela.

Em suas condutas e posicionamentos, Xavière se projeta como uma pessoa que, além de não se preocupar com o bem estar e a felicidade dos que a rodeiam, ela os trata como um certo sentimento de descaso e indiferença. Destacamos o trecho:

– Oh! Gerbert! Sim. Xavière levanta os ombros. Ele não conta muito, você sabe.

– No entanto, você gosta dele, diz Françoise.

– Eu gosto de tudo o que me pertence, diz Françoise. Ela acrescentou com um ar selvagem: é repousante ter alguém somente para você. Depois sua voz amoleceu: Mas enfim, isso é apenas um objeto agradável na minha existência, nada mais.

Françoise gelou, ela se sentia pessoalmente insultada pelo tom desdenhoso de Xavière. (BEAUVOIR, 1956, p. 424).

O fato de Xavière tratar Gebert como se fosse um objeto, demonstra uma atitude de altivez e desconsideração da jovem com relação ao rapaz, no entanto, o sentimento de orgulho é retratado em Xavière, tanto nas relações pessoais, sejam elas íntimas – relacionamento com Pierre e Gerbert – ou amistosas – Françoise e Élisabeth (irmã de Pierre), quanto no que concerne ao seu posicionamento sobre determinados assuntos sociais, como, por exemplo, a questão do trabalho.

Desde o início do romance, Françoise tenta convencer Xavière da importância que o trabalho apresenta na vida da mulher. Por acreditar que a melhor forma de se conquistar a independência e, conseqüentemente, a liberdade, é se envolver em alguma atividade que lhe traga retorno financeiro e satisfação pessoal, Françoise insiste com Xavière, durante toda a obra, para que a jovem dê um sen-

tido maior para a sua vida por meio de uma ocupação profissional. Como podemos observar no decorrer da leitura, todas as tentativas de Françoise de convencer Xavière a conseguir um emprego são fracassadas, chegando, até mesmo, a serem rechaçadas por meio de respostas irônicas ou sarcásticas. Destacamos o trecho:

– E seria preciso fazer como sua amiga: contar os copos que eu bebo e olhar sem parar o meu relógio, para ir ao meu trabalho na manhã seguinte.

Françoise sentiu-se magoada, ela própria acabava de olhar para o relógio. “Parece até que ela me odeia. Mas por quê?” Essa Xavière desagradável e imprevista interessava-a. (BEAUVOIR, 1956, p. 42- 43).

No romance, é possível constatar que todos os personagens possuem uma ocupação profissional independentemente de sua classe social. Ao contrário dos outros temas abordados em discussões com a personagem Xavière: a Segunda Guerra Mundial; as manifestações artísticas; a solidariedade humana; a corrente filosófica existencialista e outros; a questão do trabalho se faz presente no decorrer de toda a obra e nos discursos da maioria dos personagens.

Preocupado com a situação de Xavière, Pierre tenta persuadi-la a encontrar alguma atividade que lhe retire do estado de tédio e ócio. Porém, convencer Xavière não é uma tarefa muito fácil, visto que ela se mostra irredutível e resistente aos argumentos e sugestões que os outros lhe dão. No diálogo entre Pierre e Xavière sobre as impressões que ela tivera do teatro à primeira vez que vira uma peça, a jovem revela ao leitor uma proposição de mundo baseada na ideia de que ela não valoriza as atividades que requerem certo esforço, conforme podemos destacar:

– Não sabia que o teatro era isso – disse Xavière num tom de desprezo.

– Como julgava que fosse? – interrogou Pierre.

– Parecem todos empregadinhos de uma loja. Tem um ar de tanta aplicação ao trabalho...

– Eu acho isso empolgante – disse Élisabeth. – Todas essas tentativas, esses esforços confusos, de onde finalmente brotará algo de belo...

– Eu não. Acho tudo isso sujo. Nunca é agradável ver um esforço. E ainda por cima quando o esforço aborta, então... – riu sarcasticamente – então é burlesco.

A cólera varrera sua timidez. Fixava Élisabeth com ar feroz.

– Em todas as artes é assim – disse Élisabeth, secamente.

– As coisas belas nunca se criam facilmente e exigem tanto mais trabalho quanto mais preciosas são. Você verá.

– Eu só classifico de precioso o que nos cai do céu, como o maná. – disse Xavière, com um muxoxo. – Se tivermos de comprar esse trabalho, torna-se uma mercadoria como qualquer outra e deixa de me interessar. (BEAUVOIR, 1956, p. 62- 63).

Nesse trecho é possível evidenciar os imaginários sociodiscursivos⁵ (Charaudeau, 2007) ocidentais pertencentes à concepção de que o trabalho é considerado como algo ruim, podendo, até mesmo, ser entendido como um castigo divino:

E disse em seguida ao homem: “Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó te hás de tornar.»⁶

Nos dizeres de Xavière, podemos notar que a temática do trabalho contempla as noções de sacrifício, punição e sofrimento. Ao contrário do que pensa Françoise e Pierre, Xavière acredita que o trabalho está relacionado à imposição de regras, ordens e chateações, sendo inadmissível a ela aceitar que uma ocupação profissional possa trazer satisfação pessoal, financeira e existencial para o ser humano, bem como a oportunidade de se relacionar com o mundo, consigo mesmo e com aquilo que está ao seu redor.

Questionada por Françoise e Pierre sobre a condição em que vive e a sua situação enquanto sujeito no mundo, Xavière se coloca em uma posição de sujeito paciente às contrariedades da vida ao assumir um discurso de que ela não é capaz ou digna de tal tarefa:

– Ninguém pode me ajudar – disse Xavière, erguendo a cabeça. Depois, enquanto arrumava os cabelos com a ponta dos dedos, prosseguiu com impaciência: – Já lhe disse que não valho nada. Já a preveni. (BEAUVOIR, 1956, p. 399 ; tradução nossa).

5. O imaginário é um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, esta, por sua vez, é construída pela significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que aí são produzidos, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ela resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo relacional através da intersubjetividade das relações humanas e se deposita na memória coletiva. (CHARAUDEAU, 2007, p. 53; tradução nossa).

6. In: Livro Gênesis Capítulo 3, Versículos 17-19.

– Sim. Eu não mereço que se interessem por mim, disse Xavière, com uma violência desesperada. – Agora você me conhece. Já lhe disse: não valho nada. Devia ter me deixado ficar em Rouen. (BEAUVOIR, 1956, p. 128 ; tradução nossa).

A imagem de uma mulher que não se valoriza e que se conforma com a conjuntura em que vive faz de Xavière uma personagem submissa às condições sociais impostas à mulher, ou seja, a futilidade, o ambiente doméstico e a ociosidade.

Durante toda a obra, Xavière se delinea como uma mulher teimosa, ciumenta, egoísta, passional e alheia às questões sociais. As emoções manifestadas por Xavière desempenham um importante papel no decorrer da narrativa, pois, à medida em que a jovem se sente irritada ou contente, Pierre e, principalmente, Françoise, são também afetados por tais sentimentos:

– O que está imaginando? Disse Françoise. Ela escovava os cabelos com resignação, escovando os cabelos, resignada. Há quanto tempo dura essa discussão indefinida e sempre nova? O que faz Xavière? O que ela vai fazer? O que pensa? Por quê? Como? Dia após dia renasce essa obsessão, sempre fatigante e vã, dia pós dia recomeça esse gosto de febre na boca, essa tristeza no coração. Essa fadiga de corpo sonolento. Mesmo que encontre resposta para essas perguntas, surgirão outras, exatamente iguais, num carrossel implacável: Que quer dizer Xavière? Que dirá ele? Como? Por quê? Nunca conseguirei detê-las. (BEAUVOIR, 1956, p. 379).

Os comportamentos e as atitudes de Xavière nos permitem afirmar que ela pode ser definida através de uma imagem de uma mulher passional e, até mesmo, emocionalmente instável, posto que, ora ela se apresenta como satisfeita no que diz respeito à constituição do triângulo amoroso entre ela, Françoise e Pierre, ora ela se exhibe como infeliz diante da relação íntima em que se encontra.

Consideramos conveniente ressaltar que a imagem de Xavière se caracteriza como predominantemente relacionada às ideias de uma mulher que é afetada pelo *pathos*⁷, visto que as emoções, os impulsos e os sentimentos se manifestam de forma amplificada em Xavière. A todo o momento, a jovem do interior toma decisões baseadas em suas emoções apresentando ao leitor uma imagem de uma

7. Por *pathos*, entendemos a definição de Machado (2007, p. 169): “Quando pensamos em “emoções” sendo passadas através do discurso, e mais especificamente, através do discurso escrito, a ideia de *pathos* nos vem logo à mente. *A priori*, esta ideia nos provoca a seguinte sensação: imaginamos “explosões” de recursos linguageiros colocados no papel e que ali parecem “brotar”, a fim de fazer com que uma determinada emoção entre na narrativa... Mas “tal sensação” deve ser nuançada. O *pathos* ou melhor dizendo, a *construção patêmica* de um discurso é algo que obedece a uma racionalização. (grifos do autor).

mulher que é instável emocionalmente e que não possui a capacidade de dominar a sua própria vida.

A influência do *pathos* nas atitudes e na própria constituição do sujeito de Xavière pode ser notada claramente. Nessa personagem, o sentimento de ciúmes se exprime tanto em relação a Françoise quanto a Pierre, sendo manifestado, primeiramente, no que diz respeito à figura da famosa escritora francesa para, posteriormente, se expressar através do reconhecido ator. Esse sentimento, ao final da obra, se revela diante do envolvimento emocional de lealdade e fidelidade entre o casal parisiense. Ciúme e egoísmo se mesclam no comportamento da jovem interiorana de modo que, devido ao primeiro sentimento, Xavière se sente no direito de se apropriar de Françoise e Pierre ao tratá-los como objetos, ou melhor, como seres que se encontram em um eterno processo de responsabilidade de satisfazer os seus desejos, ânsias, necessidades e caprichos.

O caráter egoísta da jovem não se manifesta, no entanto, somente em relação ao triângulo amoroso no qual ela faz parte, mas também às suas relações com outras pessoas. É ao se mostrar como um indivíduo que não se preocupa com a felicidade e a liberdade daqueles que estão próximos de si, que Xavière se delinea como uma pessoa difícil de interagir com o ambiente ideológico e moral criado por Françoise e Pierre (ambiente este pautado na solidariedade, fraternidade e no bem estar coletivo).

A questão da ociosidade de Xavière, por exemplo, serve para expressar a falta de compatibilidade entre os valores éticos, morais e comportamentais do casal e da jovem interiorana. Apesar de Xavière criticar o modo regulado e imposto socialmente no que se refere à ocupação profissional, notamos que ela aceita uma posição de subordinação e ajuda financeira de pessoas que vivem e se sustentam da situação trabalhista que ela deprecia.

Ainda que Xavière se mostre como uma pessoa decidida no que se refere aos seus valores e posições ideológicas, a personagem não se mostra capaz de sustentar tal imagem de si devido ao ciúme, ao egoísmo e à teimosia presentes em suas atitudes. Ao longo da narrativa, temos a impressão de que Xavière contraria algumas opiniões, comportamentos e valores sociais e éticos expressos pelos outros personagens, não como uma tentativa de demonstrar que ela pensa e possui uma visão diferenciada sobre a vida, o trabalho, as relações pessoais e coletivas, ou seja, sobre as existências e a vivências humanas, mas sim para causar um mal estar entre os que a rodeiam ou para se mostrar como uma pessoa que é contrária ao que é discutido.

Para nós, tal posicionamento se assemelha muito a uma atitude de uma criança que utiliza dos mais variados meios para, propositadamente, contrariar ou aborrecer alguém. Para nós, Xavière se parece com uma criança pirracenta do

interior que, não sabendo se defender e se adaptar ao modo de vida da “cidade grande”, procura afrontar os outros para que lhe deem a atenção que ela julga necessária. Em outras palavras, incapaz de se relacionar com o Outro que possui dentro de si através de suas certezas, inseguranças, desejos, repulsas e vontades, Xavière também não se relaciona de forma saudável, solidária e coletiva com os outros (personagens do romance) não só alterando, mas também julgando, a rotina, os comportamentos, valores e ideologias defendidos e vividos, principalmente, pelas figuras dos personagens Françoise e Pierre. Estes últimos acreditam e praticam, diariamente, uma existência de vida que se pauta nas ideias da importância do trabalho, da valorização e do respeito pelos outros e pela coletividade e da liberdade e da lealdade como pautas que regem as relações tanto as pessoais – em grupo de amigos ou em parceiros amorosos – quanto individuais – na relações que estabelecemos com nós mesmos.

Considerações finais

Ao analisarmos a concepção de feminino em Xavière sob a perspectiva dos aspectos referentes à imagem de uma mulher que se apresenta como ciumenta, egoísta, alheia às questões sociais e ociosa, nos colocamos, imediatamente, em diálogo com a figura de Françoise.

Se por um lado Françoise se apresenta como uma mulher relacionada às ideias de trabalho, liberdade e modernidade, Xavière se delineia como uma figura feminina que se alia aos elementos pathêmicos da teimosia, dos ciúmes e do egoísmo. Para a primeira, o trabalho é visto como um componente fundamental no processo de liberdade e de libertação feminina; para a segunda, a ocupação profissional é entendida como algo que causa um esforço que não deve ser valorizado. Para Françoise, a liberdade é construída em conjunto, pois nada adianta ser livre se as pessoas ao seu redor não o são; para Xavière, a liberdade é algo individual e que não possui nenhuma relação com os outros. Para a personagem da escritora francesa, a modernidade se instaura por meio de uma construção de novos paradigmas referentes ao trabalho, à liberdade e à subjetividade; para a jovem de Rouen, trabalho, liberdade e subjetividade não se encontram inseridos em conceitos e contextos ideológicos, morais, políticos e sociais.

Na perspectiva romanesca de Beauvoir (1956), Françoise e Xavière se encontram em um universo conflituoso que não se inscreve sob a perspectiva do relacionamento amoroso que ambas possuem com Pierre, ou seja, o conflito entre as duas personagens femininas se baseia em abordagens mais complexas do que a disputa por um amor de um terceiro.

A divergência entre Françoise e Xavière se assenta em uma temática existencialista pertencente a assuntos como a valorização social de determinadas ideologias, valores e comportamentos em detrimento de outras formas de organizar, vivenciar e compreender a existência humana. Observamos, dessa forma, que o *devoir/vir* a ser mulher se caracteriza na obra *A convidada* (1956) sob a perspectiva da personagem Xavière como um aniquilamento de um modelo de mulher que Françoise julga não ser o ideal, uma vez, para ela, esse modelo pode ser considerado como obsoleto, egoísta, conservador e aniquilador não só da identidade feminina, mas de sua vivência enquanto um sujeito que é autônomo e responsável pelos seus atos, escolhas, desejos e destinos.

A autonomia feminina nos âmbitos concernentes ao trabalho, à sexualidade, à liberdade e à escolha por decidir a própria vida se coloca, no romance, em posição de superioridade (visto que Xavière é assassinada por Françoise) se comparada às noções de incapacidade feminina para a ocupação profissional, pathemização e impulsividade e distanciamento das questões políticas e sociais. Françoise e Xavière não representam somente dois mundos éticos, ideológicos e morais opostos, mas sim duas concepções distintas de feminino, de subjetividade e de existência.

Na obra ficcional *A convidada* (1956), pudemos constatar que as protagonistas podem ser representadas por meio das dicotomias moderno *versus* tradicional; inovador *versus* convencional, vanguardista *versus* clássico; autônomo *versus* subordinado, sendo os primeiros traços pertencentes à personagem de Françoise e os segundos traços pertencentes à personagem de Xavière. No que concerne à personagem de Xavière, nosso foco em questão, constatamos a existência de uma imagem feminina referente às ideias de dependência, submissão e acomodação, visto que essa personagem não expressa o desejo de conseguir um trabalho remunerado, apresenta uma atitude de resignação e não se preocupa com os acontecimentos históricos, sociais e políticos. Com isso, conseguimos verificar que se por um lado, Françoise recusa os imaginários sociodiscursivos cristalizados sobre a concepção de feminino, por outro lado, Xavière reforça tais imaginários.

O assassinato da personagem Xavière, ao final da narrativa, nos faz concluir que a concepção de feminino apresentada por Simone de Beauvoir (1956) no discurso ficcional se pauta nas ideologias, nos valores e nas condutas representadas pela personagem de Françoise. Matar Xavière, portanto, é matar também tudo aquilo que ela representa moral, ideológico e eticamente, ou seja, uma concepção feminina pautada na acomodação aos valores sociais burgueses, religiosos e ocidentais.

Com base no que expusemos no presente artigo, podemos constatar que, para Beauvoir (1956), o gênero romance funciona como um mecanismo capaz de abordar não só a vertente filosófica que a autora se insere, mas também os ideais, as ideologias, a moral e a subjetividade que ela julga necessários ao universo da mulher.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *A convidada*. Tradução de Vítor Ramos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1956.

BLEICHMAR, Norberto & BLEICHMAR, Celia. *A psicanálise depois de Freud*. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.

_____. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In : BOYER, Henry. (org.) *Stéréotypage, stéréotypes : fonctionnements ordinaires et mises en scène. Langue(s), discours*. Vol. 4. Paris: Harmattan, 2007.p 49-63.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia. & MELLO Renato. (orgs.) *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.

DEGUY, Jacques & BEAUVOIR, Sylvie Le Bon de. *Simone de Beauvoir: écrire la liberté*. Paris: Éditions Gallimard, 2008.

MACHADO, Ida Lucia. Emoções, ironia e AD: breve estudo de um discurso literário. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (orgs.) *As emoções no discurso*, volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.